



LIVRO 2

David

TRILOGIA IRMÃOS ROSSI

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON
LETICIA MERCHER

David LIVRO 2
TRILOGIA IRMÃOS ROSSI

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON
LETICIA MERCHER

Copyright © 2021 Leticia Mercher

DAVID

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: Designer Tenório

Revisão: Leticia Mercher

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor(a). Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO
DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Sumário

[Sumaário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Epílogo](#)



Prólogo

David Rossi

DEZ ANOS ANTES

Ela sentou-se ao meu lado bufando decepcionada. É a primeira vez que a vejo bufar dessa forma.

— Eu ainda não acredito que meu algodão doce caiu no chão. Sério!
— pragueja esticando as pernas curtas e eu abro um sorriso instintivamente.

— Já perguntei se você não quer comprar outro — rebato e ela me encara com as sobrancelhas erguidas.

— Não, melhor não — faz um biquinho e dá de ombros claramente chateada. — Eu já comi muito doce hoje.

— Realmente, comer muito doce faz mal — comento controlando a sede descontrolada que está gritando dentro de mim. — Você gosta de doce assim?

— *Assim?* — rebate franzindo o cenho. — Quer molhar os pés na água?

— Estou de tênis... Mas se você quiser ir, eu faço companhia — proponho e ela nega rapidamente. — E, quando eu digo “assim” é muito. Nós comemos muito algodão doce e você só parou porque caiu no chão.

— Eu gosto de algodão doce — afirma balançando seu pé e eu arqueio as sobrancelhas em um “*jura?*” silencioso. — Me ajuda em momentos difíceis.

— Você fez eu comer algodões doce só por que viu que eu estava em um momento difícil? — questiono curioso e ela concorda com um aceno de cabeça. — Como soube que eu estava em um momento difícil?

— Seus ombros estavam caídos, sua cabeça estava baixa, você respirava com dificuldade... Enfim, não aparentava estar bem — eu enrugo

a testa.

— Uau — murmuro e ela levanta os olhos para me encarar, é então que eu suspiro fundo ao encará-la.

Não é um verde normal, como o de minha irmã, parece mais um verde de água de piscina. Aquela piscina que está com a água azul esverdeada há uns dias, mas se você jogar um objeto ainda consegue ver ele no fundo? São os olhos dela. São de um verde tão claro que refletem tudo. Inclusive eu. Inclusive o inferno que está em meu interior.

— Está olhando fixamente para meus olhos de novo — comenta rindo e suas bochechas começam a enrubescer.

Meu Deus do céu... Como ela é linda.

— Mesmo que eu ficasse uns vinte anos sem te ver, eu te reconheceria pelos olhos — pondero sem sequer pensar antes de falar e o sorriso dela aumenta. — Sério, jamais vi algo assim.

— Você já sabe o motivo — revira os olhos e eu abro um sorriso porque sim, eu sei sim o motivo.

Os olhos dela são bem claros e seus cabelos mais ainda. Não é um louro amarelo, é um louro quase branco, escorrido e passa a sensação de paz quando eles batem em mim movidos pelo vento. E ela tinha me explicado que é um problema de saúde, algo como falta de melanina no

sangue e, por consequência, deixa seus cabelos mais claros que o normal e as íris clarinhas.

— Já está ficando tarde, não tem medo de ficar aqui comigo?

— Se quisesse fazer algo já teria feito. Principalmente porque estamos juntos há duas horas — rebate e eu tenho a plena sensação de que essa frase dela soou como se eu fosse um maníaco.

— E quando vai voltar pra casa?

— Quer se livrar de mim?

— Não — respondo no mesmo instante e vejo um sorriso travesso surgir em seus lábios. Esses lábios... — Quer dizer, estou preocupado.

— Preocupado *comigo*, Ruivinho? — ela me desarma em sempre fazer perguntas e comentários inusitados.

— Claro. Você é mulher e tal, é perigoso — dou de ombros fingindo ser por isso e sabendo que, internamente, algo gostou dela assim que ela me abordou de repente.

Algo sorriu de volta para ela e não fechou a cara rapidamente como de costume. Desde que bati o olho nela, mesmo cheia de questionamentos sobre minha vida e com sua maneira desordenada de falar as coisas. Ela é luz, eu vejo e sinto isso. Não porque é branca em excesso e branco é visto como cor da paz, mas pela personalidade dela, pela leveza... Pela... *Não sei*.

Há *algo* nela.

Ela sorri e a felicidade chega aos olhos, sua gargalhada me contagia e eu acabo rindo também — como não tenho feito há algum tempo —, seu falatório me distrai de toda a merda que eu estou vivendo e sua beleza atrai meu olhar a todo instante. Eu não quero sair de perto dela, eu não quero perde-la de vista. Eu a quero manter aqui, comigo, o tempo inteiro, para que essa respiração calma e essa leveza no coração continue infinitamente.

— Já que está tão preocupado, então eu vou embora — se levanta do banco e eu me levanto junto, querendo dizer algo, com a língua coçando para dizer algo, porém completamente sem saber o que dizer. — Você está fazendo dezoito anos mesmo? É que você é um pouco alto *demais* pra sua idade.

— Você que é baixa.

— Não sou nada — franze o narizinho em descontentamento.

— É sim — continuo por pura implicância.

— Você precisa de óculos — afirma e eu começo a rir da resposta inesperada.

Ela é tão... Espontânea.

— Bem, antes de mais nada... Eu disse que lhe daria parabéns no final da noite, então... Parabéns? — sussurra e eu concordo, então ela faz algo

inesperado e joga os pequenos braços em meus ombros. — Eu espero que tudo dê certo na sua vida e que viremos amigos, confesso.

— Também espero isso — passo meus braços por sua cintura e me sinto completamente em casa ao enterrar meu nariz em seus cabelos, sentindo o cheiro de camomila no mesmo instante. — Bem que podia ser um beijo de aniversário.

— Quem sabe um dia — rebate rindo em meu ouvido e eu quase tenho um orgasmo só com esse som tão próximo ao meu ouvido. — Apesar de seu comentário ter sido um tanto quanto *abusadinho*.

— Pois, então, vou cobrar em todos os aniversários agora — ignoro a afirmação dela e ouço uma risada antes dela responder:

— Pode cobrar, *Ruivinho*.



ATUALMENTE

— Desgruda de mim, coisa ruim! — exclamo tentando tirar Leticia das minhas costas. — SUZANNA, ME AJUDA AQUI!

— Se vira — ouço minha irmã responder enquanto Helena e Let gargalham.

— Duas *mocréias* insuportáveis... GAEL!!! — exclamo um pedido de socorro. — Garota, quando eu conseguir arrancar você daí... As coisas não ficarão bonitas, não mesmo.

— Letícia, pare de perturbar seu tio... — Gael a tira de minhas costas e eu ameaço ir para cima dela, porém a morena de olhos tão verdes quanto a minha irmã agarra o pai como se sua vida dependesse disso. — Dave...

— O que é? Essas insuportáveis simplesmente decidem subir em mim como se eu fosse uma montanha a ser escalada! — me defendo ganhando um olhar de “*cara... Você é um homem adulto*” de meu cunhado e Helena solta outra gargalhada. — É melhor você ficar quieta.

— Se não o que?! — responde e eu corro até ela, que salta do sofá com uma velocidade impressionante, porém Helie esbarra em Gabriel no meio do corredor durante sua corrida e o garoto começa a chorar com o susto.

— Pronto... Eu sabia que isso ia acontecer... — Gael coloca Let no chão enquanto Helie abraça seu sobrinho e diz palavras tranquilizadoras para ele. — Aí Dave... Não faça filhos tão cedo.

— De criança pra cuidar já basta eu — respondo arrumando minha roupa. — SUZANNA!

— Dave, eu estou amamentando!!! Inferno!!! — exclama de volta e eu arregalo os olhos por esse estresse repentino da Elsa, rindo em seguida e caminhando até o quarto dela. É, então, que eu vejo uma cena de tirar fôlego.

Suzanna com Jorginho atracado em seu seio esquerdo, sugando algo vital para sua saúde e vida, algo que... *Caralho, como que uma mulher produz leite, cara?!*

— Toda vez que você vê isso fica com essa cara de apaixonado — ela sussurra e eu me aproximo dos dois.

— Eu acho bonito — afirmo até estar bem próximo dela, então coloco uma mecha de cabelo ruivo sua atrás da orelha e depois acaricio os cabelos castanhos de meu sobrinho. — Ele suga com força, olha...

— É um Rossi. Ele *tem* força — ela murmura orgulhosa da sua terceira cria e eu suspiro fundo com isso. — Quando os seus chegarem, Dave?

— Não sei... Acho que vou contratar uma barriga de aluguel por aí e fazer filhos suficientes para nunca ter a casa vazia — respondo baixinho,

como se falar alto fosse atrapalhar o momento dos dois, e Suzzie me encara desdenhosa. — O que? Não tenho um amor como você tem.

Mentira.

Uma mentira absurda.

Eu tenho um amor sim, no entanto eu não faço ideia de onde ela possa estar, qual seu nome e o que está fazendo.

Faz anos que não a encontro e sequer imaginaria que sentiria uma saudade esmagadora a esse ponto, não como senti da minha mãe quando ela partiu e como ainda sinto todos os dias. Hoje meu coração sente dor por perder duas mulheres: uma para sempre e outra que eu não faço ideia de quem seja, mas que já a desejo perto de mim como desejo respirar todos os dias.

— Dave? — Suzzie chama. — Você não vai me contar nunca quem é ela?

— Quando eu souber... Talvez eu te conte — implico me jogando em sua cama. — Ei, Suzzie, que tal comprar umas roupas de cama dessa pra mim? Eu comprei umas, mas são horríveis.

— Meu Deus, Dave, leve Helena.

— Ela é uma *mocréia* ruiva, não quer me ajudar em nada — brinco e em seguida olho para o lado, encontrando um espelho. — Vocês se olham

no espelho enquanto transam?

— Dave! — me repreende e eu sento na cama rindo.

— Eu vou para o Brasil amanhã cedo — anuncio o que vim para fazer, porém fui desviado do meu foco quando Letícia pulou nas minhas costas como uma rã possuída.

— Amanhã é seu aniversário, Dave — ela responde o óbvio e eu dou de ombros. — Dave...

— Podemos comemorar juntos no natal, se vocês quiserem. Sabe que eu não faço questão de festas e... Isso tudo que gostam de fazer — junto os dedos ao olhá-la. — Preciso resolver algo com a boate... Nath fez reformas, Ethan precisa contratar novos seguranças... Léo não faz nada e Miguel está sofrendo o luto de um relacionamento que deu errado. Eles precisam de mim lá por alguns dias e será como umas “férias”. Eu estou precisando.

— Disso eu concordo — ela acena positivamente e Jorginho larga seu peito, então ela sobe o sutiã e coloca o garoto em pé em seu ombro. — Mas... Dave, já faz anos. Não adianta mais fugir.

— Não estou *fugindo*, Suzzie — nego imediatamente e ela fixa seus olhos verdes assustadores em mim.

— Não? — murmura e eu nego arrumando minha blusa no espelho.

— Não tem do que eu fugir.

— Quando foi que você o levou o pé na bunda dela? — Suzzie questiona e eu solto uma risada me divertindo.

Ela enfiou na sua cabecinha teimosa que eu sou apaixonado por alguém, sendo que é sempre uma teoria da conspiração diferente. Segundo Suzanna, eu ganhei um pé na bunda da mulher, já segundo Helena, a mulher é casada e não largou o marido para ficar comigo.

Se elas soubessem...

— Eu vou para o Brasil amanhã, Suzzie — reafirmo ouvindo sua suspirada funda em seguida. — Estou muito atarefado ultimamente.

— Nossa... *Muito atarefado...* — ela implica comigo e eu beijo sua testa antes de sair do quarto. — Dave?

— Senhora? — respondo ao parar no batente da porta.

— Tome cuidado, está bem? — eu franzo o cenho.

— Você já viu o meu tamanho, mulher? — pergunto rindo e ela revira os olhos.

— Não é isso... É que... Não é nada. Apenas tome cuidado — pede e eu concordo. — Por nós e por seus sobrinhos, por favor.

— Eu vou tomar cuidado, Suzzie — concordo me afastando de seu quarto e seguindo um caminho que tanto o fiz desde criança, por um corredor que já sei os metros de cor e salteado e chegando em uma cozinha

que Suzanna reformou um pouco antes de Jorginho nascer. — Alô, alô, criançada. Tio Dave vai ir embora.

— Já? — Helie murmura e eu concordo. — Por que vai tão cedo? Durma aqui... Nós podemos fazer cinema na sala e...

— Por favor, tio! — Let pede e Gael finge demência no outro sofá, apenas coçando sua cabeça e fitando Biel fixamente.

— Eu vou acordar cedo amanhã — é tudo que eu respondo antes de abraçar e beijar cada uma. — E, Helie, que tal você e Let comprarem uns lençóis pra mim pela internet? Cara, estou sem lençóis.

— Edredons também? — Let questiona e eu concordo.

— Eu envio foto do cartão pra Helena e vocês pedem pela internet, por favor? — ambas concordam, animadas e excitadas com a ideia de gastar dinheiro.

— Eu acho isso uma péssima ideia — Gael observa rindo e eu o cumprimento. — Brasil?

— Sim, senhor — confirmo. — Negócios e mais negócios.

— Boa sorte — responde me fazendo rir e então eu dou um aperto em Gabriel, seguindo direto para o meu apartamento em seguida.

Agora, é o momento onde tudo muda. Onde eu deixo de ser o tio divertido e passo a ser o maldito David Rossi mal humorado e enjoado. É

aqui que eu deixo todas as minhas preocupações se apossarem de mim, onde eu deixo o coração gritar de saudades de duas pessoas e onde deixo meus sentimentos a mostra.

É o único lugar onde eu posso ser eu mesmo. Sem câmeras. Sem flashes. Sem Helena atenta a tudo. Sem Suzanna me cobrando nada. Somente eu e minha costureira solidão. Somente David Rossi contra David Rossi.

E, também, é aqui que eu lembro dela.

Lembro daquele sorriso doce, daquele olhar travesso e daquele perfume... Por Deus, aquele inferno de perfume ainda me assombra em sonhos, junto de suas gargalhadas contagiantes e dos olhos verdes claros. Eu a procurei por tantos anos, eu fui naquele inferno de lugar centenas de vezes no mesmo horário e já até passei um dia inteiro ali. Porém, nunca mais a vi.

Céus, eu já até paguei homens para procura-la sem ter ideia de quem ela é ou onde mora, já paguei homens para ficarem naquele fatídico local onde nos conhecemos à paisana vendendo algodões doce. Mas, como uma chuva forte seguida de ventos turbulentos, aquela doce garota chegou, bagunçou e sumiu.

Inferno, já fazem cinco anos que não a vejo e dez anos de uma morte lenta e dolorosa em todos os momentos que lembro dela, da voz dela e do sorriso dela.

Eu morro um pouco quando vejo uma loura, mas quando ela se vira, não são os olhos verdes claros que eu vejo. Eu morro um pouco quando acordo de madrugada após sonhar com o perfume dela. Eu morro um pouco mais quando procuro nas mulheres as características dela. E, eu termino de morrer quando acordo — após uma noite de prazer — e não a encontro.

Eu vivo em função dela e... Por Deus, eu nem sei *quem* ela é.



David Rossi

Eu acordo. Como sempre malditamente acordo. Perdido, confuso e *sem* esperança.

Meu telefone toca quando eu acabo de me levantar e isso me faz praguejar baixinho assim que me esgueiro na cama para pegá-lo, revirando os olhos eu coloco o aparelho no meu ouvido após atende-lo.

— Você chega que horas? Quer que eu te busque no aeroporto? — a voz de minha prima Nathália preenche meu ouvido e eu coço a testa.

— Não sei, Nath. Acabei de sair da cama — respondo pegando minha toalha e caminhando até o banheiro.

— Você não tem hora de pegar o avião? — sua voz soa curiosa do outro lado.

— Um dos privilégios de ser irmão de Suzanna Rossi é ter um jatinho sempre a sua disposição — respondo e ela gargalha do outro lado. — Fique tranquila quanto a hora... Eu vou pedir Ethan para me buscar.

— Cristo... *Ethan* — eu quase posso vê-la franzindo o cenho agora e isso é engraçadíssimo, porque Nath ama os primos Bittencourt como se fossem Rossi, porém ela e Ethan dividem uma rixa por conta das responsabilidades da boate. — Está bem, vou ali... Ter mais um orgasmo.

— Nathália! — repreendo com os pés derrapando. — Eu vou contar para meu tio Lu...

Ela desliga a chamada em minha cara e eu franzo o cenho aborrecido.

— Como assim ela vai...? *Aiai*, dona Nathália Rossi. *Aiai*... — eu largo o telefone na cama e começo a agilizar tudo para chegar o quanto antes no Brasil.

Em uma hora eu já estou dentro do jatinho de Suzanna, checando tudo que Letícia e Helena compraram ontem pelo e-mail. É nesse instante que eu constato que além do bom gosto que vem da família — exceto eu que não tenho isso, pois sequer sei comprar lençóis —, as duas fizeram uma maldita boa compra para a minha casa com tudo que eu estava precisando. Por Deus, Helena comprou até copos e eu quase posso ouvir a sua voz dizendo “*é para eu tacá-los em você*”. Abrindo um sorriso eu fecho o e-mail e fito o céu pela janela do jatinho e suspiro fundo antes de fechar os olhos, me preparando para uma viagem longa até o Rio de Janeiro.



CINCO ANOS ANTES

— Ei, cara... Tome aqui — Ethan me entrega uma cerveja e eu estico minhas pernas no campus da universidade que nós estudamos. — É errado beber essas coisas aqui dentro, mas... Foda-se.

— Claro que foda-se, senhor Ethan — sussurro rindo e sabendo que ele tem a noção que eu irei me livrar de mais uma enrascada por causa do meu sobrenome. — Léo?

— Ainda não terminou a maldita prova — murmura e eu desço meus olhos para sua nova tatuagem.

— Você vai fechar o outro braço? — pergunto com as sobrancelhas arqueadas e vejo um sorriso surgir em seu rosto.

Não existe outra coisa no mundo que Ethan Bittencourt ame mais que as suas tatuagens.

— E o torso — dito isso ele levanta a camisa e eu encontro uma tatuagem enorme em seu abdômen.

— Qual é, Ethan, se você quer se pintar todinho então eu vou te entregar para os meus sobrinhos e para Helie — provoco vendo um sorriso surgir em seu rosto.

— Arthur e Laura já fazem isso — responde orgulhoso dos filhos de Lucca e eu empurro seu ombro antes de empurrar a cerveja para dentro com uma única golada. É nesse maldito instante que minha cabeça gira o suficiente para que eu encontre uma figura loura, em pé, vestindo uma calça de moletom, tênis de corrida, cabelos louros claros — claros *demais* — em um coque alto e segurando livros e mais livros em seus braços.

Me levanto em um salto, permitindo que a cerveja caia na grama com um baque e ignoro o xingamento de Ethan, correndo atrás da loura de

moletom cinza e... Por Deus, que bunda é essa que eu acabei de ver? Ela não tinha essa bunda...

— Espere! — chamo em voz alta, mas ela está com tanta pressa que praticamente corre pelos corredores. — Oh, inferno! Pare de correr!

É nesse instante que ela se vira e eu vejo, em meio a uma ajeitada de óculos redondos no nariz, os seus olhos verdes claros. Ela me encara por um instante, confusa, paralisada, um pouco tonta e sem saber ao certo o que fazer, até que o sinal da saída de uns alunos soa e logo eu a perco de vista. A raiva me consome por saber que ela estava aqui, meu Deus! Aqui! Na porra da universidade! A mesma que a minha! Na minha frente! E eu não fiz nada, eu fiquei paralisado e com medo e agora a perdi de vista.

— Dave! — uma mão me sacode e quando eu me viro encontro Enzo com os olhos fixos em mim. — Qual é, cara? Vamos? Léo já acabou.

— Eu preciso ver uma coisa antes.

— Você e esses rabos de saia... — revira os olhos, mas me acompanha assim que eu me desvio das pessoas andando por corredores e mais corredores da faculdade em busca daqueles olhos novamente.

— Oh... Eu vou por esse corredor e você vai por aquele. Se encontrar uma garota de moletom, coque e óculos... Traga ela até mim nem que seja arrastada.

— Dave! — o gêmeo de Nathália solta uma gargalhada estridente e eu o empurro para o outro corredor.

— E sem gracinhas com ela, ouviu?! — exclamo e ele concorda indo pelo outro corredor.

Eu olho em cada sala, encontrando dois casais quase trepando em duas diferentes e chegando apenas na de Psicologia, onde eu encontro uma pessoa apresentando um seminário com slides atrás de si e um professor fazendo anotações em sua frente. Eu suspiro fundo enfiando as mãos nos cabelos e volto todo o caminho por onde eu vim pisando mais duro que o necessário, *putamente* aborrecido por ter perdido uma garota *daquelas*. Como que eu consegui a perder duas vezes?

Duas vezes.

— Senhor Rossi?!



— Senhor Rossi?! Senhor? — abro os olhos assustado e a comissário de bordo me encara assustada. — Me perdoe por acordá-lo, é que... Nós pousamos.

— Está tudo bem — sacudo a mão em sua direção como se não me importasse e bocejo indiferente. — É muito trabalho... Acabo perdendo noites e mais noites de sono.

— Compreensível, senhor — ela responde e eu me levanto. — Suas bagagens estão em um táxi junto da outra comissária, estão apenas o aguardando. Eu o levarei até lá.

— Obrigado — respondo me colocando de pé e pegando meu telefone antes de descer do jatinho e ser atacado pelo inferno que é o Rio de Janeiro. — Porra... Cada dia pior.

A comissária me lança um olhar confuso, completamente sem entender meu português e então começa a me levar para o táxi. Meu telefone toca e eu desligo, ignorando Ethan e sua petulância exagerada para coisas politicamente corretas e em seguida disco o número de Helie.

— *Mocréia?*

— Se você soubesse o tamanho da minha raiva quando sou acordada, David Rossi, você jamais me acordaria... — ela sussurra.

— Deixa eu adivinhar... Sua raiva é “ginorme” quando você é acordada? — rebato ouvindo um xingamento baixinho. — Eu queria avisar que eu cheguei.

— Ótimo — responde e desliga a chamada.

— Quenga — xingo e enfim sou deixado no táxi. Eu agradeço as duas comissárias e então dou o endereço do meu apartamento.

Por uma infinita sorte, ou chamem do que quiser, Ethan está sentado no saguão do meu prédio mexendo no telefone.

— Pensei que eu teria que enviar a Interpol atrás de você, Rossi — murmura sem levantar os olhos.

— Eu não sabia que eu tinha contratado um mordomo — implico de volta ouvindo a risada do síndico ressoar pelo saguão.

— Eu senti falta de vocês dois — o senhor de meia idade comenta e eu o cumprimento. — A sua prima costuma vir aqui para organizar algumas coisas, mas ela é calma. Só quando ela vem com uma amiga que as duas tagarelam da hora que chegam, até a hora de sair.

— Ela traz amigas aqui? — pergunto me esgueirando no balcão para pegar minhas chaves e ele concorda. — Interessante...

— Já está pensando em pegar as amigas de Nath, David? — Ethan pergunta.

— Carregue minhas malas, *mordomo*.

— Dave, pra você, no máximo, eu carrego seu corpo até o hospital depois de te encher de porrada — responde e eu solto uma risada

agradecendo ao homem antes de caminhar até o corredor. — Como foi a viagem?

— Suzanna contratou duas comissárias gostosas — aperto o botão do meu andar e Ethan revira os olhos desviando de minha mala.

— E você fez outras meninas perderem o emprego... — ele checa a hora no relógio.

— Não, eu dormi a viagem toda — respondo saindo do elevador com ele ao meu lado. — Juro que dessa vez eu não fiz nada de errado.

— Só acredito vendo... — murmura e eu abro a porta, respirando o doce aroma de incenso que Nathália deixou aqui para que o apartamento perdesse o cheiro de guarda roupa velho.

— Eu preciso te lembrar que você tem uma boate com setenta por cento das ações e que precisamos de você para assinar uns papéis...? — Ethan começa e eu reviro os olhos abrindo as janelas e em seguida checando a geladeira para constatar que Nath também fez compras.

Existe melhor prima que essa?

Minha mente começa a viajar quando eu pego uma cerveja e trabalho em abri-la, ignorando completamente o que o tatuado diz na sala. Então, eu busco um sofá para tirar meus sapatos e tentar filtrar um por cento do que está saindo da boca do meu melhor amigo.

— Merda! Preste atenção, cacete! — Ethan grita quando eu começo a lembrar do episódio vivido cinco anos atrás onde eu deixei uma cerveja dessa marca cair no chão.

— Qual é, Ethan! É meu aniversário, eu estou de férias e você vem me falar da problemas da K.Z.A... — reclamo e me levanto do sofá, perdendo completamente o foco e o vejo suspirar fundo.

— K.Z.A é setenta por cento sua. Nós precisamos que você saiba de tudo que acontece lá, porque se Nath ou qualquer um dos outros tomarem alguma decisão que você não gostar, vai ter guerra — ele fala da minha boate como Suzanna fala da minha vida: como se eu não tivesse controle de nada.

Talvez eu realmente não tenha e apenas finja. *Talvez.*

— Nathália não vai fazer nada sem me consultar. De todos ela é a única que ainda fala da K.Z.A comigo — comento e pego meu telefone.

— Será que existe motivo pra isso? — rebate carrancudo e eu termino minha cerveja com duas goladas.

Eu abri uma boate há alguns anos em um lugar sofisticado no Rio de Janeiro onde minha ideia principal era trazer conforto aos gringos visitantes. O que eu consegui com sucesso já que agora K.ZA é uma das

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "DAVID (Irmãos Rossi Livro 2)"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).